

12 de setembro de 2003

Mensagem de Chiara à Primeira Jornada Mundial da Interdependência na Filadélfia¹

Senhor governador da Pensilvânia, senhor Edward Rendell,

Professor Benjamin Barber,

Senhoras e senhores,

É uma grande honra poder dirigir-me, por meio desta mensagem a um público tão qualificado, que se reúne hoje, na Filadélfia, para declarar o próprio empenho em construir um mundo mais unido, mais justo, mais fraterno.

O meu desejo seria de estar presente pessoalmente. Não sendo possível, permitam que eu exponha a todos, com esta mensagem, uma reflexão breve e pessoal.

Em junho deste ano, quando tive em Roma um encontro longo e caloroso com o professor Benjamin Barber, foi uma alegria para mim dar a minha espontânea adesão a esta primeira Jornada Mundial da Interdependência.

O conceito da interdependência, de fato, evoca um ideal muito amado por mim, pelo qual – junto a muitas pessoas de boa vontade, empenhadas no campo da política, da economia e outros campos da ação e do saber humano – decidi dedicar a minha vida: a unidade da família humana.

No dia seguinte ao acontecimento de 11 de setembro, muitos de nós sentiram a exigência de refletir de forma aprofundada sobre as causas do terrorismo, mas sobretudo de comprometer-se na busca de uma alternativa verdadeira, responsável, decidida ao terror e à guerra. Para mim, foi como reviver a experiência da destruição e a sensação da impotência humana, na cidade italiana de Trento, bombardeada durante a Segunda Guerra Mundial.

Exatamente sob as bombas, eu e as minhas primeiras companheiras descobrimos no Evangelho a luz do amor mútuo, que nos fez estar prontas a dar a vida uma pela outra. Foi dos escombros daquela destruição, na convicção de que "o amor vence tudo", que nasceu o forte desejo de fazer com que todos os próximos participem deste amor, sem distinção de pessoas, grupos, povos, sem considerar as condições sociais, culturais e as convicções religiosas.

Analogamente, somos muitos a nos perguntar, hoje, de Nova York a Bogotá, de Roma a Nairóbi, de Londres a Bagdá, se é possível viver num mundo de povos livres e iguais, unidos. Não só onde se respeite a identidade um do outro, mas também onde todos sejam solícitos frente às respectivas necessidades. A resposta é uma só: não só é possível, mas é a essência do projeto político da humanidade.

A unidade dos povos, no respeito das mil e uma identidades, é o próprio objetivo da política, que a violência terrorista, a guerra, a injusta divisão dos recursos do mundo e as desigualdades sociais e culturais parecem hoje colocar em discussão.

De vários pontos da terra, hoje, sobe um grito de abandono de milhões de refugiados, de milhões de famintos, de milhões de explorados, de milhões de desocupados que são excluídos e quase "cortados" do corpo político. É esta separação, e não só as privações e as dificuldades econômicas, que os tornam ainda mais pobres, que aumenta o desespero deles.

A política não terá atingido o seu objetivo, não terá respeitado a sua vocação enquanto não tiver reconstituído a unidade e curado as feridas abertas no corpo político da humanidade.

Mas de que modo atingir esta meta tão exigente, que está acima das nossas forças? Liberdade e

¹ Vídeo gravado em Mollens (Suíça), em 29 de agosto de 2003.

igualdade, diante dos desafios do presente e do futuro da humanidade, sozinhas não são suficientes. A nossa experiência nos ensina que é necessário um terceiro elemento, quase sempre esquecido pelo pensamento e pela praxe política: a fraternidade. Sem a fraternidade, nenhum homem e povo são verdadeira e profundamente livres e iguais. A igualdade e a fraternidade serão sempre incompletas e precárias, enquanto a fraternidade não for parte integrante dos programas e dos processos políticos em cada região do mundo.

Prezados amigos, o nome da cidade em que se encontram – Filadélfia – não recorda também um programa de amor fraterno?

É a fraternidade que pode dar hoje significados novos à realidade da interdependência. É a fraternidade que pode fazer desabrochar projetos e ações no complexo tecido político, econômico, cultural e social do nosso mundo. É a fraternidade que faz sair do isolamento e abre a porta do desenvolvimento aos povos que ainda estão excluídos. É a fraternidade que indica como resolver pacificamente as controvérsias e que relega a guerra aos livros de história. É pela fraternidade vivida que podemos sonhar, inclusive esperar, numa certa comunhão de bens entre países ricos e pobres, já que o escandaloso desequilíbrio, hoje existente no mundo, é uma das causas principais do terrorismo.

A profunda necessidade de paz, que a humanidade hoje exprime, afirma que a fraternidade não é só um valor, não é só um método, mas é um paradigma global de desenvolvimento político. É por isso que um mundo cada vez mais interdependente precisa de políticos, de empresários, de intelectuais, de artistas que coloquem a fraternidade – instrumento de unidade – no centro da própria ação e do próprio pensamento. Era o sonho de Martin Luther King: que a fraternidade se torne a ordem do dia de um homem de negócios e a palavra de ordem do homem de governo.

Prezados amigos, como seriam diferentes as relações entre os indivíduos, entre os grupos e povos, se tivéssemos a mínima consciência de que somos filhos de um único Pai, Deus, que é Amor e que ama cada um pessoal e imensamente e cuida de todos! Este amor, conjugado em suas infinitas formas, também políticas e econômicas, poderia superar os restritos nacionalismos e as visões parciais, abrindo mentes e corações dos povos e dos seus governantes, impelindo todos – como afirmei num meu discurso às Nações Unidas, em 1997 – a amar a pátria alheia como a própria.

Esta é a experiência de 60 anos do Movimento dos Focolares, presente em 182 países do mundo, e ao qual aderem milhões e milhões de pessoas de cada latitude.

Desejo que a Jornada Mundial da Interdependência seja a ocasião, para todos aqueles que a ela aderiram, de um novo empenho em viver e trabalhar juntos, com dedicação e com confiança, ajudando sempre um ao outro, em vista da unidade da família humana universal.

Chiara Lubich